



**De Cora para Célia Flor: a construção do imaginário em Cora Coralina**  
From Cora to Célia Flor: the construction of the imaginary in Cora Coralina

Maria Ladjane dos Santos Pereira<sup>1</sup>  
Antônia Maria Medeiros da Cruz<sup>2</sup>

**Resumo:** *A menina, o cofrinho e a vovó*, uma carta escrita por Cora Coralina, em 1967, na intenção de envio à neta Célia, permite uma imersão em infindas possibilidades de análise. Neste artigo, pretendemos compreender de que maneira a leitura desta carta/conto pode contribuir para a formação do leitor literário, uma vez que possibilita uma incursão no imaginário. Fundamentamo-nos nas contribuições de Frantz (2001); Colomer (2003); Bachelard (1998; 2001). Nossa análise sinaliza para a fruição literária possibilitada a partir das impressões que emergem do imaginário. Uma vez que essa obra, aparentemente, direcionada ao público jovem, permite ao leitor uma incursão fecunda na imaginação.

**Palavras-chave:** Cora Coralina; *A menina, o cofrinho e a vovó*; Leitor literário; Imaginário.

**Abstract:** *The girl, the piggy bank and the grandmother*, a letter written by Cora Coralina in 1967, in the intention of sending her granddaughter Célia to allow an immersion in endless possibilities of analysis. In this article, it can be said that reading a letter can contribute to a literary reader's formation, since it makes possible an incursion into the imaginary. We base ourselves on the contributions of Frantz (2001); Colomer (2003); Bachelard (1998, 2001). Our analysis points to the literary fruition made possible by the impressions that emerge from the imaginary. Since this work, apparently aimed at young audiences, allows the reader a fruitful incursion into the imagination.

**Keywords:** Cora Coralina; *A girl, the piggy bank and a grandmother*; Literary reader; Imaginary.

### **Considerações iniciais**

Faz-se necessário trazer à cena questões literárias a fim de propor reflexões, sobretudo, para a formação do leitor literário. Na produção de Cora Coralina, encontramos vastas possibilidades para se discutir aspectos inerentes à formação de um leitor que possa, efetivamente, “transitar” no texto. Neste artigo, buscamos compreender como o texto de Cora Coralina, *A menina, o cofrinho e a vovó* poderá contribuir para a formação do leitor literário.

Sabemos que, apesar de o texto ter sido escrito ainda na década de 60, e publicado apenas em 2009, essa carta/conto<sup>3</sup> parece atemporal, visto que ao ter contato com ela, seja quando escrita ou publicada, é possível que sua leitura remonte tempos,

---

<sup>1</sup> Mestra em Letras – Universidade de Pernambuco.

<sup>2</sup> Mestra em Letras – Universidade de Pernambuco e Professora da rede pública do Estado de Pernambuco.

<sup>3</sup> Chamamos carta/conto, de modo indistinto, pelas características que o texto adquire, desde as condições de produção até os possíveis sentidos produzidos no leitor. Considerá-lo uma carta, a nosso ver, descarta suas propriedades literárias.

lembranças de lugares. Ao leitor é permitido um passeio pelo texto, com espaço para o imaginário e também para provocar emoções.

Algumas discussões podem ser travadas nesse entorno: que emoção sentira a neta ao receber aquela carta enquanto criança? E quando adulta? Deixemos claro, portanto, que não se pretende apresentar respostas a esses questionamentos, mas suscitar possibilidades. Nesse sentido, empreendemos gerar discussões em torno da importância das práticas de leitura desde cedo, sobretudo, quando o propósito é promover a formação de um leitor literário, apto a “invadir” o universo do imaginário.

Ancoramos nossas análises nas contribuições de Teresa Colomer, especialmente, em sua obra *A formação do leitor literário* de 2003, no que concerne à formação do leitor literário, bem como em Maria Helena Zancan Frantz em *A literatura nas séries iniciais*, publicado em 2011, ao discutir as implicações da literatura ainda nos primeiros anos da vida escolar. No que tange às reflexões sobre o imaginário, fizemos uma incursão nos estudos de Gaston Bachelard (1998; 2001), em obras como *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*, bem como em *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*.

Assim, este trabalho encontra-se organizado em três tópicos, a saber: no primeiro tópico, discutimos a construção do leitor literário a partir da carta/conto de Cora Coralina. Mais adiante, no tópico subsequente, apresentamos as implicações da literatura ainda nas séries iniciais e, por fim, analisamos a construção do imaginário na ressignificação literária através das percepções de Gaston Bachelard, que ganham vida na obra de Cora Coralina.

### **A construção do leitor literário a partir da carta/conto de Cora Coralina**

A literatura traz consigo uma imensa carga de imaginação que pode alavancar o imaginário do leitor, principalmente se tratando de uma criança. Assim, expõe Maria Helena Zancan Frantz,

A experiência de ouvir histórias, envolve a criança não apenas emocionalmente, mas também cognitivamente. Ao ouvir uma história, a criança vai elaborando internamente esse universo estruturado através da linguagem. O pensamento é desafiado a buscar significação para aquilo que é narrado (FRANTZ, 2011, p. 69).

A literatura infantil oportuniza às crianças a ressignificação das suas emoções e é através da capacidade imaginativa aguçada, que ela constrói sua personalidade por meio da identificação com algum personagem, desenvolvendo tanto seus conceitos ideacionais, como também o hábito e, principalmente, o prazer pela leitura. Frantz enfatiza que,

Ler é, pois, atribuir sentidos. (...) Vista assim, a leitura se torna uma necessidade vital para o ser humano, indispensável à sua vida, pois lhe revela o seu próprio eu, ao mesmo tempo em que lhe dá instrumentos para melhor conhecer o mundo em que vive (FRANTZ, 2011, p. 29).

No livro *A menina, o cofrinho e a vovó*, Cora Coralina (2009) transmite de maneira clara e simples uma literatura marcada por traços de afeto, solidariedade e carisma

evidenciando a função da literatura como instrumento basilar de reflexão levando o leitor a posicionar-se criticamente diante do seu mundo real com também sensibilizando não apenas o público infantil, mas sim o público em geral pondo em pauta valores ainda fundamentais a vida humana.

Colomer (2003, p. 95), em seu livro *A formação do leitor literário* traz, entre outras discussões, um tópico que trata a importância do leitor, e nele, a autora afirma que “o texto não é o único elemento do fenômeno literário, mas é também a reação do leitor e que, por conseguinte, é preciso explicar o texto a partir desta reação”. Assim, é possível que pensemos quais os sentimentos que foram acionados em Célia ao ter contato com a carta escrita por sua avó? Ou ainda, como esses sentimentos se manifestam em outros leitores que doravante puderam ter acesso a esse texto?

Esta obra incita o leitor a trabalhar com o seu imaginário fazendo inferências durante todo o percurso da história, de modo a construir paralelos com sua vida pessoal. A exemplo disso, citemos o fato de a personagem da avó não apresentar sequer um nome, o que possibilita aos leitores aprofundar sua imaginação em um contexto de realidade e fantasia. Ademais, utiliza-se de elementos que possibilitam à criança a criar uma imagem das personagens, a partir de características por elas apresentadas, como se pode ver:

(...) do bandinho todo saiu uma menininha, redonda, cabeludinha, afirmada e trouxe seu dinheirinho ajuntado em cofrezinho como usam as crianças, e deu todo ele para a avó pagar o resto da prestação (CORALINA, 2009, s/p).

Coralina (2009) apresenta no seu livro traços de subjetividade que convidam o leitor a envolver-se com a história, imperceptivelmente, trazendo nas suas entrelinhas valores que instigam à reflexão em relação a ações simples do cotidiano, convidando a fantasia a misturar-se com a realidade do leitor, no ato da leitura.

A carta de Cora, endereçada à sua neta, Célia Flor, torna-se cativante pela sua capacidade de se reinventar. A simbologia contida em cada parte da sua carta/conto nos convida a produzir sentidos dentro de um contexto real, paralelo à fantasia contida no imaginário de cada um.

Desta forma, a construção do leitor literário em um contexto de fantasia como o que está no livro *A menina, o cofrinho e a vovó* (CORALINA, 2009), acontece de maneira sutil e descompromissada, pois Cora retrata de uma forma inocente e singela, mostrando através da literatura ações que permeiam o cotidiano, evidenciando ações de solidariedade, socialização e respeito.

### **As implicações da literatura nas séries iniciais**

Mobilizar o imaginário da criança é fazer dela coautora da própria realidade. De modo que, ao ouvir histórias, a criança passa a viver valores que tendem a modificar o seu comportamento, levando-a a interpretar o mundo pautada em visões diferenciadas, além de despertar o gosto pela leitura, o que pode contribuir ao longo de todo o seu desenvolvimento.

Explorar a literatura nas séries iniciais pode trazer implicações favoráveis para a formação do leitor proficiente. Como afirma Frantz (2011, p. 16), “a literatura infantil, por seu caráter lúdico-mágico é o caminho natural, a chave mágica que abre a porta de entrada principal que dá acesso ao mundo da leitura e a tudo o que ela pode nos proporcionar”. Ao ratificar essa ideia, Bordini afirma que

os textos literários adquirem no cenário educacional, uma função única, singular: aliam à informação ao prazer do jogo, envolvem razão e emoções numa atividade integrativa, conquistando o leitor por inteiro e não apenas na sua esfera cognitiva (BORDINI, 1985, p. 27-28).

Frantz (2011, p.20) ressalta que “a literatura infantil é também ludismo, é fantasia, é questionamento”, assim, consegue conduzir a respostas aos questionamentos típicos dessa fase, possibilitando ao leitor o desenvolvimento da capacidade de perceber o mundo e, conseqüentemente, agir nele. Alinhado a esse pensamento, Barbosa sugere que

Para a criança, ouvir histórias estimula a criatividade e formas de expressão corporal. Sendo um momento de aprendizagem rica em estímulos sensoriais, intelectuais, dá-lhe segurança emocional. Ouvir histórias também ajuda a criança a entrar em contato com suas emoções, supre dúvidas e angústias internas. Através da narrativa a criança começa a entender o mundo ao seu redor e estabelecer relações com o outro, a socialização. Conseqüentemente, são mais criativas, saem-se melhor no aprendizado e serão adultos mais felizes (BARBOSA, 1999, p. 22).

Delmanto (2007, p.20) traz sua contribuição, nesse sentido, ao considerar que assim como o brinquedo, através da leitura, “ouvindo e lendo histórias, a criança viaja para cantos da imaginação ou do pensamento jamais visitados, alcançando horizontes muito além dos seus, fazendo descobertas que podem levá-la sempre mais e além”.

Logo, diante do já referido, percebemos que o estímulo à literatura desde os anos escolares iniciais poderá proporcionar o desenvolvimento das capacidades leitoras do estudante. E mais ainda, contribuirá para a construção do “eu”, cidadão, que interage em sociedade.

### **O imaginário de Cora na ressignificação literária**

A obra escrita originalmente em 1967, endereçada a Célia Flor, foi construída sob um viés literário carregado de ficcionalidade, apesar de aparecer escrito em uma carta - um gênero não marcado por tal característica - Cora utiliza variados recursos a fim de sensibilizar a neta, em virtude de uma ação solidária executada pela garota.

O imaginário transita entre o que se pode ser percebido através dos sentidos e o que pode ser criado em outro universo, na nossa imaginação. Ancoramos nossas impressões em torno do imaginário em alguns trabalhos de Gaston Bachelard, filósofo e ensaísta francês, cujas percepções fecundam uma fenomenologia própria. Especialmente, “beberemos na fonte” de suas obras ditas “noturnas”, pois é nesse Bachelard, o noturno, que buscaremos o imaginário imbricado na tessitura de *A menina, o cofrinho e a vovó*.

Assim, para Brachelard (1998, p.1) “expressando-nos filosoficamente desde já, poderíamos distinguir duas imaginações: uma imaginação que dá vida à causa formal e uma imaginação que dá vida à causa material”. Mais adiante, acrescenta que

A imaginação não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que *cantam* a realidade. É uma faculdade de sobrehumanidade. Um homem é um homem na proporção em que é um super-homem. Deve-se definir um homem pelo conjunto das tendências que o impelem a ultrapassar a *humana condição* (BACHELARD, 1998, p. 18).

Nesse sentido, compreender o poder do imaginário construído a partir da leitura do texto literário, sobretudo, especificamente da obra em tela de Coralina (2009), permite-nos criar imagens para além da realidade. Ao entrar em contato com o texto, ainda que este tenha recebido ilustrações de alguém que tentou expressar a imagem criada a partir da leitura, outros leitores constroem outras imagens. Pessanha

Bachelard insiste em distinguir a imaginação enquanto simples registro passivo de experiências, da imaginação que, aliada à vontade, é poder e criação. Esta “é um princípio de multiplicação dos atributos da intimidade das substâncias. Ela é também vontade de *mais ser*, não evasiva, mas pródiga, não contraditória, antes ébria de oposição. A imaginação é o ser que se diferencia para estar seguro de tornar-se” (PESSANHA, 1978, p. 12-13).

Para nossa análise, portanto, nos referimos à imaginação material, uma vez que, como acrescenta o mesmo autor, essa materialização ocorre quando pensamos, sonhamos ou vivemos a matéria. Em seus estudos, Bachelard elabora, de acordo com Freitas (2006, p. 41) “uma sistemática de investigação da gênese da imagem poética do imaginário literário” em torno de quatro elementos que estabelecem um elo entre o real e o imaginário: água, ar, terra e fogo.

Para Bachelard, a água traz consigo um certo poder, de modo que

Uma gota de água poderosa basta para criar um mundo e para dissolver a noite. Para sonhar o poder, necessita-se apenas de uma gota imaginada em profundidade. A água assim dinamizada é um embrião; dá à vida um impulso inesgotável (BACHELARD, 1998, p.10).

No livro “A menina, o cofrinho e a vovó” subtende-se, já que não há alusão explícita, a presença de alguns desses elementos que compõem a imagem poética. Elencamos algumas passagens que ajudam a construir o imaginário ao entrar em contato. Para Bachelard (2001, p. 5) “Cada objeto contemplado, cada grande nome murmurado é o ponto de partida de um sonho e de um verso, é um movimento linguístico criador”.

Cora Coralina (2009) sinaliza no final do texto, antes de assiná-lo que: “Célia, minha neta, guarde bem esta estorinha *tirada do real*. Ela saiu toda do velho coração da Vovó Cora”. Assim, na criação da estorinha, a autora buscou partir de situações reais, no entanto, em sua leitura é possível que o leitor estimule a imaginação.

No início da estória, é feita a apresentação da personagem da avó, “uma velha que morava sozinha numa cidade muito antiga e tinha sua casa grande na beira de um rio atravessado de pontes e cheio de estórias”. Nessa passagem, o leitor pode perceber o

caráter transitório personificado na imagem do rio, que decerto, em seu percurso seja conhecedor de muitas histórias, que podem ser contadas por alguém, que como o rio, as viu acontecer. Conforme Bachelard

(...) a água nos aparecerá como um ser total: tem um corpo, uma alma, uma voz. Mais que nenhum outro elemento talvez, a água é uma realidade poética completa. Uma poética da água, apesar da variedade de seus espetáculos, tem a garantia de uma unidade. A água deve sugerir ao poeta uma obrigação nova: a unidade de elemento (BACHELARD, 1998. p. 17).

Mais adiante, aparece um outro elemento, que ao contrário dos outros, destaca-se pela resistência, nos termos de Bachelard (2001, p.8) “A resistência da matéria terrestre, pelo contrário, é imediata e constante”. Nesse sentido, Coralina (2009) apresenta uma sequência que ilustra quão firme é o encadeamento de ações que se sucedem.

Nessa representação, cria-se a imagem de resistência figurada pela mulher que, com poucos recursos, decide trabalhar. Cujo caráter de resistência se mantém recorrente e pode ser percebido em trechos como: “E começou. E mexe e vira e revira, acerta, faz e refaz, embalou mesmo. (...) E foi indo. E foi indo e foi dando. Deu muito bonito sol e deu muito boa chuva. Deu noite e deu dia”. Essa obstinação da matéria terrestre pode ser percebida através de suas “texturas” de dureza ou moleza, que revelam a dialética que conduz as imagens que criamos da matéria íntima das coisas, indicando o grau de resistência com que elas se apresentam diante de nós.

Até que surge uma terceira substância, o fogo, atrelado à ideia de transformação. Ao longo do texto, percebe-se um encadeamento de ações que se sucedem e que se sobrepõem, dando uma ideia de mudança, por vezes, até temporal, como em: “Meia noite... uma hora... duas. Madrugada... as barras do dia acendendo suas luzes em cima do escuro dos morros”. Em sua complexidade, compreende que

a um elemento material como o fogo se possa associar um tipo de devaneio que comanda as crenças, as paixões, o ideal, a filosofia de toda uma vida. Há um sentido em falar da estética do fogo, da psicologia do fogo e mesmo da moral do fogo. Uma poética e uma filosofia do fogo condensam todos esses ensinamentos. Ambas constituem esse prodigioso ensinamento ambivalente que respalda as convicções do coração pelas instruções da realidade e que, vice-versa, faz compreender a vida do universo pela vida do nosso coração (BACHELARD, 1998. p. 5).

Por fim, aparece o ar, que constitui a segunda configuração da imagem poética, em que para Bachelard (2001, p. 9) “o ar é uma matéria pobre. Em compensação, porém, com o ar o movimento supera a substância. Não há substância senão quando há movimento”. Aqui, há um aparente rompimento com a ideia da materialização, posto que se cria a percepção de que as imagens não são materializadas pela matéria, mas o fato de que o movimento cria a imagem. Segundo Bachelard (2001, p. 233) “na imaginação dinâmica, tudo se anima, nada se detém. O movimento cria o ser, o ar turbilhante cria as estrelas, o grito produz imagens, o grito gera a palavra, o pensamento”.

Na obra de Coralina (2009), esse movimento aparece articulado ainda com o primeiro elemento já citado, a água, expressa no rio. E, não somente. A ideia de desmaterialização e movimento parece condição para adentrar nas impressões do imaginário.

### **Considerações finais**

Tomar como ponto de partida a obra de Coralina pode significar uma sinalização para um possível ponto de chegada, – se é que isso seja possível – pois seus textos corroboram com a formação de um leitor literário. O texto tomado para análise, *A menina, o cofrinho e a vovó* foge de um conto como muitos outros, que são escritos para uma publicação com dia e hora marcados, pois foi através de uma carta que a trama foi tecida.

Neste trabalho, discutimos a importância do contato ainda nas séries iniciais com os textos literários, no sentido de desde cedo, possibilitar à criança a exploração do seu imaginário e, conseqüentemente, aprimorar nela suas capacidades imaginativas. Sinalizamos com o texto de Coralina, outros olhares que podem ainda ser direcionados a esta e outras obras.

Procurou-se com este artigo apresentar uma proposta de reflexão sobre o texto literário, assim como, o seu papel na formação do leitor literário. De modo que, ao apresentarmos a relação da literatura desde os anos iniciais de escolaridade, a sua importância mediante a construção desse leitor, nos mostra o quão favorável é a exploração do imaginário da criança desde muito cedo.

### **Bibliografia**

- BACHELARD, Gaston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Trad. de Antônio de P. Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- \_\_\_\_\_. **O ar e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BARBOSA, R. T. P. **A leitura em dois pontos**: ler e contar histórias. Releitura, n. 12, 22/03. Belo Horizonte, 1999.
- BORDINI, M. G. **Literatura na escola de 1º e 2º graus**: por um ensino não alienante. Perspectiva – Revista do CED. Florianópolis: UFSC, 1985.
- COLOMER, Teresa. **A formação do leitor literário**: narrativa infantil e juvenil atual. Trad. Laura Sandroni. – São Paulo: Global, 2003.
- CORALINA, Cora. **A menina, o cofrinho e a vovó**. Ilustrações de Cláudia Scatamacchia. Global Editora, 2009.
- DELMANTO, Dileta. A mediação da leitura à luz da concepção de aprendizado socialmente elaborado. In: **Prazer em ler**. Instituto C&A, vol. 2, 2007.
- FREITAS, Alexander de. Água, ar, terra e fogo: arquétipos das configurações da imaginação poética na metafísica de Gaston Bachelard. In: **Revista Educação e Filosofia**. Uberlândia, v. 20, nº 39 - jan./jun. 2006. p. 39-70.
- PESSANHA, J. A. M. Bachelard: vida e obra. In **Bachelard** (Os Pensadores) São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 7 -13.